

Energias Limpas

FINANCIAMENTO NOS BRICS



QUANTO E ONDE SE INVESTE

Em 2015, as economias emergentes começaram a investir mais que os países ricos em energia limpa pela primeira vez.

Cerca de 2/5 do investimento mundial em energia limpa em 2015 ocorreram na China, Índia, Brasil e África do Sul

BRASIL

O BNDES tornou-se o maior fornecedor de crédito para o setor de energia renovável no Brasil

ÍNDIA

A Índia está sofrendo com a escassez de financiamento para a energia renovável

CHINA

A China é o quinto país em origem de investimentos em energias renováveis em outros mercados emergentes.

OS BRICS

BRICS é a sigla para Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Apesar dos altos e baixos de suas economias, eles têm uma relevância indiscutível no cenário econômico e político mundial: estes cinco países em desenvolvimento - 3 dos quais estão entre os 5 maiores países do mundo - respondem por 43% da população mundial, 37% do PIB global e 17% do comércio mundial. Essas nações têm desenvolvido uma agenda comum e sua cúpula anual está chegando a sua 8ª edição nos próximos dias 15 e 16 de Outubro em Goa, na Índia. A reunião do conselho do New Development Bank – o BRICS Bank – será realizado ao mesmo tempo. Esta é a primeira reunião BRICS após o Acordo de Paris, que entrará em vigor este ano. No contexto pós Paris, eles podem superar as economias desenvolvidas no caminho para um mundo com zero emissões líquidas dos gases de efeito estufa.

Energia Limpa nos BRICS

No ano passado, as economias emergentes começaram a investir mais que os países ricos em energia limpa pela primeira vez (1). Os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) são responsáveis por uma proporção significativa deste crescimento.

Cerca de dois quintos do investimento mundial em energia limpa em 2015 ocorreram na China, Índia, Brasil e África do Sul - US\$ 133 bilhões no total, US\$ 110 bilhões dos quais financiaram projetos na China (2). Todos os quatro estão entre as dez primeiras

posições no mundo em novos investimentos em energia renovável em 2015 - embora a China esteja muito à frente, respondendo por mais do que o dobro do investimento de qualquer outro país (3). A Rússia, por outro lado, é o único membro dos BRICS com uma baixa de atração de investimento para as energias renováveis (4).

Investimento público versus investimento privado

Globalmente, o setor privado põe mais dinheiro em energias renováveis do que o setor público. Em 2014, agentes privados investiram US\$ 243 bilhões enquanto o setor público investiu US\$ 148 bilhões (5) em energia limpa em todo o mundo. Embora este padrão se mantenha em

mercados mais estabelecidos, incluindo China e Índia (6), a instabilidade econômica, combinada com planos de expansão drástica das energias renováveis, faz com que o financiamento público provavelmente se torne mais significativo no futuro.



Uma variedade de investidores financiam projetos de energia renovável na Índia, incluindo os investidores institucionais com financiamento público, bancos públicos e privados e empresas de capital aberto. O capital de risco e investidores de private equity também contribuem.

A Índia está sofrendo com a escassez de financiamento para a energia renovável, em parte porque a desregulamentação do mercado tem limitado o envolvimento do setor público (7).

A Índia planeja aumentar em cinco vezes a quantidade de energia obtida de energias renováveis até 2022 (8). De acordo com análise recente, é provável que a Índia enfrente dificuldades para acessar o financiamento privado necessário para atingir estes objetivos, porque a necessidade de empréstimos de longo prazo, combinada com altas taxas de juros, acaba afastando os investidores (9).

No Brasil a inflação levou a altas taxas de juros, elevando o custo dos empréstimos e dissuadindo os investidores privados de colocar dinheiro em energias renováveis (10). O mercado brasileiro de energia solar distribuída, por exemplo, está aquém das expectativas, porque as taxas de juros elevadas significam que os investidores do setor privado não podem acessar o dinheiro com a rapidez necessária (11). Em contraste, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) tornou-se o maior fornecedor de crédito para o setor de energia renovável no Brasil (12). Em outubro de 2016, o banco anunciou que estaria elevando seu financiamento para a energia solar (13). No geral, o setor público é capaz de tolerar mais riscos de curto prazo do que o setor privado - especialmente se o apoio às energias renováveis atender objetivos políticos mais amplos - bem como fazer empréstimos de longo prazo, o que significa que é capaz de superar essas barreiras (14).

Investimento doméstico versus investimento internacional

Em 2014, cerca de três quartos dos fluxos totais de financiamento do clima, e 90% dos investimentos privados, foram angariados e alocados dentro do próprio país (15). Este padrão se aplica tanto aos países em desenvolvimento como nos mais ricos (16).

Os fluxos financeiros internacionais ainda são extremamente importantes para as economias emergentes (17). Elas atraem dezenas de bilhões de financiamento climático do setor público do mundo rico anualmente e também atraem mais investimento direto estrangeiro (IDE) do setor privado do que os países mais ricos.

Entre 2005 e 2015, Brasil, Índia e África do Sul ficaram entre os 10 principais destinos do investimento direto estrangeiro do setor privado nos seus setores de energias renováveis. O Brasil recebeu US\$ 20,5 bilhões, a Índia US\$ 14,9 bilhões e África do Sul US\$ 12 bilhões no total (19).

Empresas com sede nos EUA, Espanha, Alemanha, Itália e França foram fontes significativas de recursos. Mas as empresas chinesas estão se tornando cada vez mais importantes. A China é o quinto país em origem de investimentos em energias renováveis em outros mercados emergentes, tendo sido responsável por US\$ 19,7 bilhões desde 2005 (20).

Uma combinação de fontes

No geral, esses padrões significam que o investimento em energia limpa nos países do BRICS vem de uma diversidade de fontes públicas, privadas, nacionais e internacionais.

Na China, as três principais entidades que financiaram projetos de energias renováveis em 2014 foram o China Development Bank Corporation, o China Investment Corporation (uma empresa estatal) e KFW (banco estatal alemão de desenvolvimento). (21)

Na Índia, os três principais agentes de financiamento foram o State Bank of India, o Banco Mundial e Yes Bank, que é o quinto maior banco do setor privado da Índia (22).

No Brasil, os três principais foram o Banco Nacional de Desenvolvimento, o Banco Mundial e o Banco Bradesco, um dos maiores bancos privados do Brasil (23).

As três principais instituições que oferecem financiamentos para projetos de energia renovável na África do Sul em 2014 foram Old Mutual PLC (uma companhia de investimento Sul-Africano), o Banco Europeu de Investimento e Investec Plc (uma empresa de investimentos britânica e sul africana). (24)

Bancos internacionais, regionais e de desenvolvimento

Instituições Financeiras de Desenvolvimento (IFDs) são bandos de desenvolvimento especializados, criados em países em desenvolvimento para apoiar o investimento. Em 2014, IFDs emprestaram US\$ 131 bilhões para projetos de energia limpa e eficiência energética ou para a adaptação às alterações climáticas em todo o mundo (25). No futuro, sua importância tende a aumentar à medida que se tornam fontes de financiamento mais representativas nas economias emergentes (26).

Bancos regionais de desenvolvimento incluem o Banco Centro-Americano de Integração Econômica e o BNDES no Brasil. Bancos de desenvolvimento e agências internacionais incluem o Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Agência de Cooperação Internacional do Japão e FFW. Alguns bancos-chave que operam nos BRICS são:

1. Banco Europeu de Investimento - Globalmente, o Banco Europeu de Investimento foi o líder mais ativo do financiamento em energias renováveis em 2014, investindo US\$ 5,2 bilhões no total. Transações notáveis em países do BRICS incluem US\$ 294 milhões de investimento na central solar térmica de 100 MW KaXu na África do Sul (27).

2. Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) - O BNDES é o segundo maior financiador de energia limpa em todo o mundo após o BEI. Em 2014, forneceu US\$ 2,8 bilhões de financiamento para parques eólicos e usinas de biomassa no Brasil, através de 46 transações (28). Isto representa cerca de um quinto do total dos investimentos em energia limpa no Brasil em 2014. Ele é de longe o maior investidor de energia renovável no Brasil, de acordo com dados de 2014 (29). Em outubro de 2016, o banco anunciou que estaria aumentando seu financiamento para a energia solar e que não financiaria mais projetos de carvão ou a petróleo (30).

3. New Development Bank - O New Development Bank (NDB), anteriormente conhecido como o banco de desenvolvimento dos BRICS, é um banco de desenvolvimento multilateral estabelecido pelos países desse grupo. Proposto pela primeira vez pela Índia em 2012, é co-propriedade dos governos dos BRICS, dando a todos os cinco igualdade de opinião na tomada de decisões (31). O banco também tem um compromisso declarado com os princípios do desenvolvimento sustentável e, portanto, de apoiar projetos de energia limpa. Em maio de 2016, aprovou empréstimos no total de US\$ 811 milhões para projetos de energia limpa nesses países. Isto incluiu US\$ 300 milhões para o Brasil, US\$ 81 milhões para a China, US\$ 250 milhões para a Índia e US\$ 180 milhões para a África do Sul. Estes empréstimos ainda não foram colocados em operação (32).

4. Infra-estrutura do Banco Asiático de Desenvolvimento (AIIB) - A infra-estrutura do Banco Asiático de Desenvolvimento (AIIB) foi lançada em janeiro 2016 com US\$ 100 bilhões em capital autorizado. Ele tem a oportunidade (mas não a obrigação) de se concentrar em energia limpa. É voltado para a China e a Índia (33).

NOTAS

- (1) <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-11-23/leapfrogging-to-solar-emerging-markets-outspend-rich-countries-for-the-first-time>
- (2) Cálculo : <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1rKT47XNDorx09t4LTnNQDiXHWZyImwHiV0d8h776i7c/edit#gid=435396958>
- (3) http://fs-unep-centre.org/sites/default/files/publications/globaltrendsrenewableenergyinvestment2016lowres_0.pdf p.23
- (4) <http://www.climate-transparency.org/g20-financing-the-transition>
- (5) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Landscape-of-Climate-Finance-2015.pdf> p.1
- (6) <http://www.ren21.net/gsr-online/chapter04.php>
- (7) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2012/12/Meeting-Indias-Renewable-Targets-The-Financing-Challenge.pdf> p.1
- (8) <http://ieefa.org/indias-new-emissions-target-adds-momentum-to-global-energy-transition/>
- (9) <http://climatepolicyinitiative.org/2015/09/10/three-ways-to-attract-domestic-institutional-investment-for-renewable-energy-projects-in-india/>
- (10) http://irena.org/Finance_RE_Developing_Countries.pdf p.29
- (11) <http://www.apricum-group.com/brazils-new-legislative-measures-solar-dg/>
- (12) <http://global-climatescope.org/en/> p.160, http://irena.org/Finance_RE_Developing_Countries.pdf p.26
- (13) <http://www.cnbc.com/2016/10/03/reuters-america-update-1-brazil-development-bank-scraps-financing-for-coal-fired-plants.html>
- (14) http://irena.org/Finance_RE_Developing_Countries.pdf p.26, <http://climatepolicyinitiative.org/2015/09/10/three-ways-to-attract-domestic-institutional-investment-for-renewable-energy-projects-in-india/>
- (15) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Landscape-of-Climate-Finance-2015.pdf> p.10, <http://www.climatefinancelandscape.org/CPI-PDF.pdf> p.9
- (16) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2013/10/The-Global-Landscape-of-Climate-Finance-2013.pdf> p.1
- (17) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2013/10/The-Global-Landscape-of-Climate-Finance-2013.pdf> p.1
- (18) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2013/10/The-Global-Landscape-of-Climate-Finance-2013.pdf> p.1
- (19) <https://www.ft.com/content/3c96c24a-9daa-11e5-8ce1-f6219b685d74>
- (20) <https://www.ft.com/content/3c96c24a-9daa-11e5-8ce1-f6219b685d74>
- (21) <http://global-climatescope.org/en/> p.66
- (22) <http://global-climatescope.org/en/> p.120
- (23) <http://global-climatescope.org/en/> p.160
- (24) <http://global-climatescope.org/en/> p.84
- (25) <http://climatepolicyinitiative.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Landscape-of-Climate-Finance-2015.pdf> p.3
- (26) http://newclimateeconomy.report/2015/wp-content/uploads/2016/05/NCE_CleanEnergy_financing_final_web-Copy.pdf
- (27) http://cleanenergypipeline.com/Resources/CE/PressReleases/CleanEnergyPipeline_LeagueTables_2015.pdf
- (28) http://cleanenergypipeline.com/Resources/CE/PressReleases/CleanEnergyPipeline_LeagueTables_2015.pdf p.4
- (29) <http://global-climatescope.org/en/> p.160
- (30) <http://www.cnbc.com/2016/10/03/reuters-america-update-1-brazil-development-bank-scraps-financing-for-coal-fired-plants.html>
- (31) <https://www.ndbbrics.org/>
- (32) <https://www.devex.com/news/what-is-new-about-the-brics-led-new-development-bank-88126>
- (33) https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/resource-documents/the_aid_and_investment_in_action_final_20160413.pdf



O Observatório do Clima é uma rede que reúne entidades da sociedade civil com o objetivo de discutir a questão das mudanças climáticas no contexto brasileiro. O OC promove encontros com especialistas na área, além de articular os atores sociais para que o governo brasileiro assuma compromissos e crie políticas públicas efetivas em favor da mitigação e da adaptação do Brasil em relação à mudança do clima.